



A APROPRIAÇÃO DE NARRATIVAS VISUAIS DO BRASIL OITOCENTISTA NO COTIDIANO ESCOLAR: PROPOSIÇÕES DE UM ESTUDO EM CONSTRUÇÃO

Alessandra Chaves Zen - UCS

Resumo: Este artigo resulta de uma investigação que se encontra em andamento e se insere em um projeto de pesquisa para dissertação de mestrado. O estudo empreendido focaliza questões relativas à apropriação de imagens no cotidiano escolar e se inscreve no campo da Educação. É a partir das construções teóricas de Roger Chartier relacionadas ao conceito de apropriação que será problematizado os usos, as interpretações e os sentidos conferidos pelos alunos às imagens que circulam no interior da escola tendo o livro didático como suporte. A pesquisa que está sendo desenvolvida em uma escola da rede pública tem nos relatos orais e escritos de estudantes que cursam as séries finais do Ensino Fundamental a matéria-prima para o conhecimento a ser produzido no campo da empiria e nas imagens realizadas pelos artistas-viajantes Debret e Rugendas, na primeira metade do século XIX brasileiro, que se encontram reproduzidas nos livros didáticos da coleção *Para Viver Juntos: História* – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, seu objeto de atenção.

Palavras-chave: Narrativas visuais; Apropriação; História Cultural.

Introdução

Este artigo resulta de uma investigação que se encontra em andamento e se insere em um projeto de pesquisa para dissertação de mestrado. O estudo empreendido focaliza questões relativas à apropriação de imagens no cotidiano escolar e se inscreve no campo da Educação.

A pesquisa que está sendo desenvolvida em uma escola da rede pública tem nos relatos orais e escritos de estudantes que cursam as séries finais do Ensino Fundamental a matéria-prima para o conhecimento a ser produzido no campo da empiria e nas imagens realizadas pelos artistas-viajantes Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, na primeira metade do século XIX brasileiro, que se encontram reproduzidas nos livros didáticos da coleção *Para Viver Juntos: História* – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2011, 2012, 2013)¹, seu objeto de atenção.

¹Os exemplares da coleção *Para Viver Juntos: História* – 7º ano do Ensino Fundamental, de Ana Lúcia Lana Nemi e Muryatan Barbosa, e 8º ano do Ensino Fundamental, de Anderson Roberti dos Reis e Débora Yumi Motooka, da editora Edições SM, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2011, 2012, 2013) foram escolhidos para este estudo por serem estes os livros didáticos de História adotados pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, de Vacaria/RS, no ano de 2011, campo onde a pesquisa é realizada.

O estudo se ancora nos referenciais teóricos da História Cultural e está fundamentado – sobretudo, mas não unicamente – nas construções teóricas de Roger Chartier relacionadas ao conceito de apropriação², através do qual será problematizado os usos, as interpretações e os sentidos conferidos pelos alunos às imagens que circulam no interior da escola tendo o livro didático como suporte. A abordagem feita abarca, assim, as práticas pelas quais as imagens são apropriadas, o suporte que as põe em circulação na escola e as próprias imagens, objetos da atenção. Nesta perspectiva tomada estão contempladas as teorizações de Chartier (1990) que indicam que as obras adquirem sentido através da relação que se estabelece entre o texto – ou a imagem –, o suporte em que é apresentado e as práticas que deles se apropriam. O estudo dos usos das imagens no cotidiano escolar, contemplado nesta investigação, presume um trabalho que considera as táticas de apropriação e as estratégias de imposição, conceitos estes – tática e estratégia – que busco em Michel de Certeau³.

Pensando as imagens, sob a perspectiva da História Cultural, como artefatos culturais – considerando-as, portanto, como objetos que são produzidos e circulam entre grupos sociais –, busco-as no tempo de sua produção, no tempo de sua recepção, em sua materialidade – tendo o livro didático como suporte que lhes dá visibilidade – e, considero ainda, sua circulação no espaço escolar. Embora saiba que a circulação das imagens produzidas pelos artistas-viajantes Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas não se restringe ao espaço escolar e que não são somente estudantes de História que delas se apropriam, ao contrário, estas imagens percorrem caminhos diversos e encontram diferentes públicos que lhes reservam recepções variadas, é para as imagens reproduzidas nos livros escolares de História – pertencentes à Coleção *Para Viver Juntos: História*, conforme mencionei anteriormente –, endereçados aos estudantes das séries finais do Ensino Fundamental, a que atento com mais demora para a construção deste estudo. Este recorte relativo à abrangência do estudo foi escolhido com o objetivo de analisar nesta investigação um campo particular – o campo da Educação – e de se atentar para um público específico – estudantes das séries finais do Ensino Fundamental.

²A apropriação, conforme a entende o historiador Roger Chartier (1991, p. 180), “visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas as suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

³Michel de Certeau (1994, p. 46) entende por “estratégia” o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta (...). Para o estudioso “tática” é, ao contrário, “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem aprendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas extensões e assegurar uma independência em face das circunstâncias”.

Tendo em conta que as imagens são presença constante nos livros didáticos – aqui faço referência especificamente aos livros didáticos de História –, dando aos estudantes possibilidades de acesso a elas no cotidiano escolar e recorrendo ainda às constatações de Chartier (1994, p. 107) de que as obras não têm sentido invariável, “elas são investidas de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção” onde estão implicadas as “formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou expectativas dos públicos que delas se apoderam”, é que considero pertinente perguntar *como os estudantes se apropriam das narrativas visuais do Brasil oitocentista, produzidas pelos artistas Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, que se encontram reproduzidas nos livros didáticos de História em circulação no cotidiano escolar*. É, pois, esta a questão de pesquisa que me acompanha na construção do conhecimento que será expresso e comunicado no texto da dissertação de mestrado.

O estudo exploratório: uma análise preliminar

Os trabalhos no campo da investigação iniciaram com um estudo exploratório com a finalidade de construir elementos que possibilitassem a escolha daqueles que participariam da investigação a ser iniciada e que contribuiriam com o estudo através de seus relatos orais ou escritos. Nesta etapa do trabalho estabeleci conversas com professores e estudantes no espaço da escola e realizei várias visitas à biblioteca escolar buscando conhecer o acervo de livros didáticos de história da instituição, campo onde acontece a pesquisa. Participaram do estudo exploratório dezoito estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias – Vacaria/RS –, sendo: dez estudantes que cursavam a 6ª série e oito que cursavam a 7ª série do Ensino Fundamental⁴, no ano de 2011. Aos estudantes que demonstraram interesse em participar do estudo foram distribuídos questionários para serem respondidos individualmente e realizadas entrevistas orais que foram gravadas com a utilização de um gravador de voz. A construção dos dados deste estudo se dá, portanto, a partir da escrita e da fala dos estudantes – matéria-prima do conhecimento a ser construído com a investigação.

Com os questionários distribuídos busco informações relativas aos usos da imagem na

⁴Na Escola onde se desenvolve a pesquisa está sendo implantado gradativamente o Ensino Fundamental de 9 anos: no ano de 2011, quando a pesquisa é iniciada, a Escola possuía turmas do 1º ao 5º anos na modalidade Ensino Fundamental de 9 anos e, na modalidade Ensino Fundamental de 8 anos, turmas de 6ª a 8ª séries; em 2012, ano em que a investigação prossegue, a Escola possui turmas do 1º ao 6º anos na modalidade Ensino Fundamental de 9 anos e turmas de 6ª a 8ª séries na modalidade Ensino Fundamental de 8 anos. Assim sendo, os estudantes participantes da pesquisa cursam as 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental, modalidade 8 anos. Todavia, os livros didáticos da disciplina de História usados nestas séries são, respectivamente, os livros de 7º e 8º anos do Ensino Fundamental da coleção *Para Viver Juntos: História*.

sala de aula e procuro compreender as percepções dos estudantes acerca da utilização de imagens reproduzidas no livro didático de História. As entrevistas orais são realizadas com o intento de alcançar as diferentes práticas e os diversos modos como são apropriadas e interpretadas as imagens no cotidiano escolar conforme as experiências partilhadas pelos estudantes que participam dessa pesquisa. Nesta etapa da investigação são apresentadas aos estudantes duas imagens do artista Jean-Baptiste Debret e duas imagens produzidas por Johann Moritz Rugendas escolhidas dentre aquelas – realizadas por esses artistas – que se encontram reproduzidas nos livros didáticos de História da coleção *Para Viver Juntos: História* – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, sendo elas: *Um funcionário a passeio com sua família* e *Sapataria*, do artista francês Debret e, *Dança do lundu* e *Colheita de café*, composições de Rugendas⁵. Tendo em conta que as significações conferidas às obras têm relação com o suporte que lhes confere visibilidade, conforme indicam as teorizações de Chartier, as imagens serão dadas a ver aos estudantes nos livros didáticos mesmos onde se encontram reproduzidas.

Com o estudo exploratório alguns dados já foram produzidos no campo da investigação – outros ainda serão buscados em etapas subsequentes da pesquisa –, parte destes dados, reservados, esperam por um tratamento mais detalhado: é preciso ainda fazer entrelaçamentos, articular os diferentes referenciais teóricos, mesclar experiências, propor intrigas... Mas, com o estudo e as análises já realizadas, algumas percepções se antecipam e podem ser aqui esboçadas. Início apresentando alguns dados do estudo exploratório referentes a percepção dos estudantes quanto a utilização de imagens no livro didático de História. Para a pergunta, de respostas livres: *em tua opinião, por que as imagens são apresentadas no livro didático de História?*; os estudantes responderam conforme sintetizado na tabela 1:

Tabela 1

Uso de imagens no livro didático de História

Motivos do uso	6ª séries	7ª séries	Total
Para conhecer a história / o passado	1	2	3
Para conhecer a arte / as obras	1	1	2
Para conhecer as obras de arte e entender o texto	1	-	1
Para entender melhor a história / o conteúdo de história	2	-	2

⁵As imagens referenciadas se encontram reproduzidas nos livros didáticos *Pra Viver Juntos: História* – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental (PNLD 2011, 2012, 2013), conforme segue: *Um funcionário a passeio com sua família* – *Para Viver Juntos: História* – 8º ano: Ensino Fundamental, p. 113; *Sapataria* – *Para Viver Juntos: História* – 7º ano: Ensino Fundamental, p. 123; *Dança do lundu* – *Para Viver Juntos: História* – 7º ano: Ensino Fundamental, p. 130 e *Para Viver Juntos: História* – 8º ano: Ensino Fundamental, p. 114; *Colheita de café* – *Para Viver Juntos: História* – 8º ano: Ensino Fundamental, p. 168.

Para contar / relatar a história	1	1	2
Para representar a história	-	1	1
Para explicar o texto	1	-	1
Para visualizar o texto	1	-	1
Para facilitar a aprendizagem / para uma boa aprendizagem	1	1	2
Para mostrar como era / como aconteceu	-	2	2
Por sua importância no passado	1	-	1
Total	10	8	18

Observando a tabela percebemos que as respostas de seis dos estudantes (primeira, segunda e terceira linhas) – um número expressivo considerando o tamanho da amostra – se voltam à ideia da imagem como possibilidade de conhecimento – da história ou da arte. Considerando os dados produzidos, pode-se dizer que para estes participantes as imagens assumem no livro didático função epistemológica, de dar a conhecer algo.

Enquanto quatro dos estudantes (quarta linha, 2 estudantes; nona linha, 2 estudantes) percebem o uso de imagens como proporcionador de uma “melhor” aprendizagem e entendimento do conteúdo da disciplina de História, outros três participantes, fazendo uma relação entre a imagem e o texto escrito impresso no livro escolar (linhas três, sete e oito da tabela), respondem que as imagens são apresentadas nos livros *para a gente visualizar um texto melhor, para ajudar no entendimento e explicar melhor o texto*⁶. Ao que parece, a imagem é tida por estes dois grupos – aqui determinados pela proximidade das respostas – como potencializadora das aprendizagens e do entendimento do conteúdo escolar, bem como, das possibilidades de compreensão e interpretação do texto.

A ideia das imagens como instrumentos de prova – *que mostram realmente como era e como aconteceu*⁷ – está evidenciada em duas respostas (linha dez). Nesta perspectiva, os estudantes se apropriam das imagens como sendo registros fiéis, objetivos do passado; um olhar que se alinha aos princípios da história tradicional. As imagens reproduzidas nos livros didáticos representam o que se passou, para um dos estudantes, enquanto que para outros dois, elas narram ou relatam histórias. E finalmente, um dos estudantes acredita que as imagens são apresentadas nos exemplares escolares pela importância que tiveram no passado. É interessante observar que a importância atribuída à imagem, pelo estudante, reside no passado e não no presente e é assim que ele a recebe: com a expectativa de sua provável importância em um tempo passado.

⁶Registros dos três estudantes.

⁷Registro escrito de um estudante.

Com o estudo exploratório realizado é possível perceber ainda, de acordo com os relatos dos estudantes, que as imagens – aqui pensadas em geral e não somente aquelas selecionadas para este estudo – são comumente usadas nas aulas de História, contudo, de formas variadas dependendo das estratégias de cada professora⁸. Duas práticas diferentes de uso de imagens nas aulas de História são relatadas pelos estudantes das séries escolhidas para este estudo: uma em que as imagens são dadas a ver e exploradas no livro didático, e outra em que as imagens são projetadas com a utilização de aparelho tecnológico. Evidenciadas nestas práticas é possível perceber apropriações variadas tanto docentes quanto discentes, contudo, são às apropriações dos estudantes a que se atenta sobretudo, neste estudo.

Conforme estudantes que cursam a 7ª série do Ensino Fundamental, em suas aulas de História as imagens são observadas sempre no livro didático. É *observando as imagens e respondendo as perguntas que pede os exercícios de fixação*⁹ propostos no livro escolar que os estudantes exploram as imagens nestas aulas. A leitura da imagem é, neste caso, feita de forma individual e silenciosa, mas não está livre de qualquer controle: precisa atender as propostas expressas no livro escolar – responder os exercícios de fixação – e submeter-se à vigilância da professora que restringe “o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer” (CHARTIER, 1994, p. 106). Nestas aulas as imagens também são exploradas a partir da leitura do texto escrito, impresso no livro didático: o texto é lido e *daí a gente vê se o que tá escrito no texto é o que tá desenhado na imagem*¹⁰. Neste caso, ao que parece, a imagem assume para a classe função ilustrativa e dá visibilidade ao que é lido – o que não significa dizer, é preciso esclarecer, que a utilização de imagens no livro didático está limitada à ilustração do conteúdo verbal. Neste exercício que conjuga a leitura do texto e a observação da imagem ou das imagens, as interpretações dos alunos, seguidas das observações da professora, são expressadas em voz alta e para todo o grupo.

Os relatos dos estudantes que cursam a 6ª série do Ensino Fundamental indicam que em suas aulas de História normalmente as imagens são apresentadas por meio de projeção com a utilização de recursos tecnológicos; raramente nestas aulas as imagens reproduzidas são observadas pelos alunos nos livros didáticos, pois estes livros escolares dificilmente são usados pela professora na sala de aula. As imagens projetadas são assim observadas coletivamente e, em geral, é pela voz da professora – que *explica para nós o conteúdo usando*

⁸Na escola campo da investigação, as aulas da disciplina de História das 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental são ministradas por duas professoras, sendo que uma professora ministra aulas para as 6ª séries e outra para as 7ª séries do Ensino Fundamental.

⁹Registro escrito de um estudante.

¹⁰Relato oral de um estudante.

as imagens¹¹ – que são exploradas. A construção do significado das imagens observadas está assim fortemente atrelada ao discurso da professora. Todavia, há que se lembrar, “sempre, também, a recepção inventa, desloca, distorce”, como assegura Chartier (1994, p. 107).

O sentido conferido pelos estudantes às imagens selecionadas para este estudo – *Um funcionário a passeio com sua família; Sapataria; Dança do lundu e Colheita de café* – é tarefa que ainda está por ser realizada e por isso não é posta neste texto. Estas são algumas dentre várias imagens produzidas pelos artistas-viajantes Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas que se encontram reproduzidas nos livros didáticos *Para Viver Juntos: História* – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental (PNLD 2011, 2012, 2013). É interessante anotar a expressiva presença de imagens destes artistas-viajantes reproduzidas nestes exemplares do *Viver Juntos: História*. Nos livros referentes ao 7º ano estão reproduzidas sete composições do pintor Debret que abarcam cenas da vida escrava, em sua maioria, mas também dos tropeiros e de soldados índios e oito imagens de Rugendas que reúnem representações do cotidiano de negros, índios e brancos e um estudo de rostos de negros escravos. Nos exemplares do 8º ano este número é ainda maior. Neles são apresentadas dezesseis reproduções de imagens brasileiras de Debret com variados motivos – incluindo a reprodução da imagem da *Bandeira e pavilhão brasileiros* – e oito obras *rugenianas*. Entre estas obras de Rugendas uma única composição não tem como motivo um tema brasileiro: trata-se de uma representação da sociedade peruana realizada pelo artista durante sua viagem, na década de 40 do século XIX, pelas terras sul-americanas. Em todas as outras reproduções estão representados a população e cenas da vida do Brasil oitocentista. Em conjunto, os dois exemplares do *Viver Juntos: História* – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental – reproduzem trinta e oito imagens¹² dos europeus Debret e Rugendas, sendo que vinte e três são do artista francês e quinze do alemão Johann Moritz. Um número relevante de reproduções que sinaliza para a possibilidade de ampla circulação destas obras no espaço escolar tendo o livro didático como suporte e que por isso mesmo, e em certa medida, pauta a escolha de composições destes artistas-viajantes para este estudo. As imagens reproduzidas nestes exemplares didáticos são, pois, apenas algumas de um conjunto de inúmeras estampas de temas sobre o Brasil produzidas por Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas na primeira metade do século XIX, dois artistas que se destacam enquanto criadores da iconografia brasileira deste período.

¹¹Registro escrito de um estudante.

¹²A imagem *Dança do lundu*, produzida por Rugendas, se encontra reproduzida nos exemplares dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental do *Viver Juntos: História*.

Debret e Rugendas: artistas europeus produtores de imagens do Brasil oitocentista

Johann Moritz Rugendas nasceu em Augsburg, em 1802. O artista – exímio desenhista – esteve pela primeira vez no Brasil em 1822 como ilustrador de uma expedição científica russa chefiada por Georg Heinrich von Langsdorff. Mas passado um tempo de sua chegada em terras brasileiras, por questões particulares e estando estremecidas as relações com o chefe da expedição, o artista se desvincula desta empresa passando a realizar trabalhos seguindo seus interesses. Praticamente duas décadas mais tarde, em julho de 1845, após uma longa excursão pela América, Rugendas retorna ao Brasil. À esta época seus trabalhos que divulgavam a imagem do Brasil – realizados em sua primeira estada aqui – já haviam sido publicados e Johann Moritz é recebido no Rio de Janeiro como um grande artista. Em sua obra brasileira o artista-viajante dedicou atenção especial à população, representou tipos físicos, cenas da vida cotidiana – especialmente de negros e indígenas –, registrou a paisagem e, com perícia, desenhou plantas e animais brasileiros. A obra concebida pelo artista conjugou, notadamente, arte e conhecimento científico.

Foi depois de seu retorno para a Europa – em 1825 – que Rugendas iniciou as tratativas para a publicação de seus estudos e desenhos elaborados no Brasil e, em meados de 1826, em Paris, “começa a nascer então *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, que será um álbum em grande formato, com cem litografia e um texto com comentários sobre o país”. (DIENER; COSTA, 2002, p. 24). Para a feitura das litografias foram convidados vários artistas-litógrafos que trabalharam na gravação das pranchas individualmente ou em companhia de outros artistas. Os desenhos originais do artista-viajante alemão ao serem transpostos para a pedra sofreram a interferência dos litógrafos que fazendo acréscimos ou retiradas de elementos, modificaram “as composições iniciais com o objetivo de torná-las mais atraentes aos olhos europeus”. (DIENER; COSTA, 2002, p. 98). As obras são, pois, “produções coletivas” e resultam de “negociações’ com o mundo social”; sua publicação “implica sempre uma pluralidade de atores sociais, de lugares e dispositivos, de técnicas e gestos”. (CHARTIER, 2002, p. 10).

O livro ilustrado com estampas *rugenianas* será concluído pela Casa Litográfica Engelmann e Cia., em 1835 – dez anos antes, portanto, da segunda estada do artista no Brasil –, que o publica em duas edições: uma em alemão – língua materna de seu autor – e outra em francês. No Brasil, foi em sua edição francesa que a obra circulou amplamente, conforme indicam os estudiosos Diener e Costa (2002). As imagens *Colheita de café* e *Dança do lundu*

– objetos de atenção desta pesquisa – fazem parte do álbum de imagens do Brasil idealizado por Rugendas nas décadas iniciais do Oitocentos: *Viagem Pitoresca através do Brasil*.

É por estes mesmos anos, que é publicado em Paris o livro-álbum do pintor francês Jean-Baptiste Debret, com litografias de temas brasileiros: *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. O artista, “fiel ao gênero das 'viagens pitorescas', que pressupõem o testemunho pessoal do viajante, com a apresentação de marcas de autenticidade, iria se transformar, então, num 'pintor do Brasil' (...)”. (SCHWARCZ, 2008, p. 295).

Jean-Baptiste Debret nasceu na França, em abril de 1768. O pintor, formado na tradição neoclássica, chegou ao Brasil a bordo do veleiro *Calpe* em março de 1816, com um grupo de franceses que, frente ao novo contexto político vivido na França – com a volta dos Bourbon ao poder e a queda de Napoleão Bonaparte, governo ao qual estavam vinculados –, se encontravam em posição pouco favorável e não viam boas perspectivas profissionais futuras. Nesta caravana francesa chefiada por Joachim Lebreton, que mais tarde ficaria conhecida como “Missão Francesa”, vinham artistas que traziam consigo a vontade de fundar aqui uma Academia de Arte – projeto que alguns anos mais tarde seria concretizado¹³. Debret, um dos membros mais ativos da *missão*, representou em sua vasta produção brasileira, cenas da vida indígena, o cotidiano de escravos negros, os costumes de homens e mulheres livres – pobres ou ricos. O artista realizou ainda inúmeros trabalhos para a Corte transformando-se com isso, ainda que “não tenha ganhado o posto oficial, numa espécie de pintor do rei” (SCHWARCZ, 2008, p. 311): coroação, aclamações, retratos, chegadas e partidas fazem parte de sua produção pictórica, sem falar em seu envolvimento com os preparativos, decorações e cenários para as festividades realizadas. Consta ainda no conjunto de sua obra brasileira algumas vistas da cidade do Rio de Janeiro, do Largo do Palácio do Rio de Janeiro, do Castelo Imperial e registros visuais de animais, plantas e frutas tropicais.

Ao voltar para a Europa, em 1831, Jean-Baptiste Debret preparou seu álbum de imagens: *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. A obra, composta por três volumes, foi publicada em Paris, entre os anos 1834 e 1839, por Firmin Didot Frères, conforme atesta Naves (2007, p. 123n). As imagens *Um funcionário a passeio com sua família e Sapatarias*¹⁴

¹³Conforme Schwarcz (2008, p. 337n), em agosto de 1816 foi fundada, em instalações provisórias, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofício. Posteriormente, em 17 de dezembro de 1824, a Escola recebe o nome de Academia Imperial de Belas Artes e, em dezembro de 1826, finalmente é instalada no prédio projetado por Grandjean de Montigny. [Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny é arquiteto e chegou ao Brasil em 1816, na chamada “Missão Francesa”, com ele vinham um literato – Lebreton, o chefe da missão –, pintores, escultores e gravadores].

¹⁴No livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, traduzido por Sérgio Milliet, publicado em 1979 na co-edição Itatiaia/Belo Horizonte; Edusp/São Paulo, consta nos comentários do artista à Prancha 29, a indicação Sapatarias – no plural – para a cena representada, enquanto que no livro didático *Para Viver Juntos: História – 7º ano do*

– objetos de atenção deste estudo, ao lado das já citadas imagens *rugenianas* – fazem parte do segundo tomo do livro-álbum de Debret.

Juntos, os artistas tomados para este estudo – Jean-Baptiste e Johann Moritz – destacam-se como os principais criadores da iconografia do Brasil oitocentista. Sobre esta questão Pablo Diener e Maria de Fátima Costa (2002, p. 96) escrevem: “hoje, Rugendas é um dos principais criadores da iconografia brasileira (...) Rivaliza-se apenas com J. B. Debret, autor de *Voyage Pittoresque e Historique au Brésil*, publicado em Paris em 1834”.

Para suas composições oitocentistas *Um funcionário a passeio com sua família*, *Sapataria*, *Dança do lundu* e *Colheita de café*, Debret e Rugendas escolheram como motivo a ser representado o trabalho e o lazer. A feitura ou arranjo dos calçados, a colheita de grãos, a dança e a partida para o passeio compõe estas cenas: narrativas da vida cotidiana.

Considerações finais

Neste estudo em que tenho como meta investigar como os estudantes se apropriam das narrativas visuais do Brasil oitocentista, produzidas pelos artistas Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, que se encontram reproduzidas nos livros didáticos de História em circulação no cotidiano escolar, busco nos relatos orais e escritos dos estudantes o conhecimento a ser construído. O estudo que se constitui é, pois, de ordem qualitativa.

A pesquisa se encontra em fase de desenvolvimento mas as análises realizadas a partir dos dados construídos com o estudo exploratório autorizam algumas considerações. Existem práticas diferenciadas de uso das imagens nas aulas de História na escola onde a pesquisa acontece e estas práticas implicam apropriações múltiplas tanto docentes quanto discentes – vale lembrar todavia, que este estudo focaliza as apropriações dos estudantes; o número expressivo de reproduções de imagens do Brasil Oitocentista realizadas pelos artistas europeus Debret e Rugendas que se encontram nos livros didáticos da coleção *Para Viver Juntos: História*, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental – livros estes utilizados pelos estudantes que participam da pesquisa e cursam, respectivamente, as 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental –, aponta para a possibilidade de circulação e apropriação dessas obras visuais no interior da escola. As análises apresentadas indicam ainda que um número expressivo dos estudantes participantes desse estudo percebem as imagens apresentadas no livro didático

Ensino Fundamental, a imagem é designada como Sapataria – no singular. Optei por utilizar ao longo deste texto a palavra no singular – Sapataria –, uma vez que este estudo se volta às imagens reproduzidas no livro didático e não em edições do *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*.

como propiciadoras de conhecimentos – sobre a história ou a arte – ou as vêm como potencializadoras da aprendizagem e do entendimento do conteúdo escolar, assim como, das possibilidades de compreensão e interpretação do texto escrito. As demais respostas dos estudantes transitam pelas percepções da imagem como representação, narrativa ou relato da história e, da imagem como prova, registro do que aconteceu. Estas são algumas considerações preliminares, há ainda, por certo, muito o que buscar, construir, analisar nas próximas etapas desta pesquisa.

Se são, notadamente, as teorizações de Roger Chartier que ancoram este estudo no que se refere a apropriação dos objetos culturais, recorro a diferentes referenciais teóricos para embasar as análises dos dados produzidos com a empiria e para pensar as imagens em geral e, em particular, as imagens no cotidiano escolar – questões pouco abordadas neste texto. Neste artigo trago, pois, não mais que os contornos de um estudo que se faz: assim como o pintor que ao compor sua obra precisa, por vezes, rever traçados, precisar ou esmaecer contornos, reunir cores, também o pesquisador constrói seu estudo em um movimento de busca incessante.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: _____. **A invenção do cotidiano**. 1 Artes do Fazer. Rio de Janeiro, Vozes, 1994. p. 37-53.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, USP, v. 5, nº 11, jan/abr, 1991.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 7, nº 13: 1994. p. 97-114. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1966/1105>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

_____. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

DEBRET, Jean Baptista. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Edusp / Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. t. 2 e 3.

DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima. **Rugendas e o Brasil**. São Paulo: Capivara, 2002.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**; tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Ver e conhecer: o uso da imagem na produção do saber histórico escolar. In: ROCHA, Helenice A. Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca (orgs.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 247-262.

NAVES, Rodrigo. **A Forma Difícil: ensaios sobre arte brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Carvalho. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, José Gonçalves (org). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 17-62.

SATURNINO, Edison Luiz. **Imagem, Educação e Memória: um estudo sobre modos de ver e lembrar**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/6679>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

SIRACUSANO, Gabriela; PENHOS, Marta. Conhecer, Dominar, Pintar numa Obra Americana do Século XVIII. In: FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos (orgs.). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: Edusp, 2006.

LIVROS DIDÁTICOS REFERIDOS

NEMI, Ana Lúcia Lana; MURYATAN Barbosa. **Para viver juntos: história**, 7º ano: ensino fundamental. 1 ed. São Paulo: Edições MS, 2009.

REIS, Anderson Roberti dos; MOTOOKA, Débora Yumi. **Para viver juntos: história**, 8º ano: ensino fundamental. 1 ed. São Paulo: Edições MS, 2009.